

JANETE MOUTIM CARNEIRO AMARAL



A FOTOGRAFIA E A CÂMERA DIGITAL NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO

INFANTIL

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

JANETE MOUTIM CARNEIRO AMARAL

**A FOTOGRAFIA E A CÂMERA DIGITAL NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

**Orientador(a): LEONARDO ALVARES
VIDIGAL**

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Amaral, Janete Moutim Carneiro, 1969.

A Fotografia e a Câmera digital no cotidiano da Educação Infantil:
Especialização em Ensino de Artes Visuais / Janete Moutim Carneiro
Amaral. – 2013.

44 f.

Orientador(a): Leonardo Alvares Vidigal

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Vidigal, Leonardo Alvares. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada A Fotografia e a Câmera Digital no cotidiano da Educação Infantil, de autoria de Janete Moutim Carneiro Amaral, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Leonardo Alvares Vidigal - Orientador

Arttur Ricardo de Araújo Espíndola

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa percorrida. Hoje estou feliz pela conquista e esta não aconteceria se não fosse à contribuição daqueles que são especiais na minha vida.

Agradeço a Deus por me conceder vida, saúde, vontade e direção. Agradeço aos meus pais, irmãos e amigos que me incentivaram. Agradeço em especial a meu esposo Valdomiro, amigo e companheiro que muito compartilha de meus anseios, a meus filhos: Jéssica e Vinícius pela compreensão e ajuda quando deles precisava nas minhas limitações tecnológicas. Meus alunos que proporcionaram momentos de descobertas e aprendizado e que tem dia a dia trazido alegria e desafio na minha vida profissional.

Obrigado a todos que direta ou indiretamente participaram desta caminhada comigo, a vitória também é sua!

RESUMO

A presente pesquisa sobre A fotografia e a câmera digital no cotidiano da educação infantil, surgiu a partir do curso de pós-graduação em Artes Visuais, quando me deparei com conteúdos alusivos à fotografia e a minha prática docente com crianças da educação infantil, tendo em vista que usava desse recurso para registros de atividades, porém não como recurso de ensino pedagógico. Teve como objetivo inserir o uso da câmera digital no dia a dia das crianças oportunizando-as o manuseio e a utilização nas produções de imagens, a introdução básica de conceitos para captar imagem, a expressar-se como autoras através das imagens que fazem parte de seu contexto social. O resultado deste trabalho é uma enorme satisfação pessoal ao perceber o potencial de cada criança na assimilação, na elaboração, nas escolhas e na capacidade perceptiva e produtiva expressa nas imagens por eles captadas, nas expressões espontâneas saindo de seus lábios a cada descoberta, nos olhares desconfiados e curiosos em cada oficina. Para a pesquisa analítica foram usados autores como: Ana Mae Barbosa falando sobre a imagem, Fernando Fernandez sobre cultura visual, Boris Kossoy sobre fotografia.

Palavras- chave: Fotografia. Educação Infantil. Imagem. Autores.

LISTA DE FIGURAS

O fotógrafo Sebastião Salgado registra a pata de uma iguana nas ilhas Galápagos para o livro "Gênesis	31
Pés de trabalhadores	31
Figura 1- fotografias feitas por alunos	33
Figura 2- fotografias feitas por alunos	33
Figura 3- fotografias feitas por alunos	33
Figura 4- fotografia com pouca luz na brinquedoteca- foto por Janete	34
Figura 5- fotografia com luz acesa na brinquedoteca- foto por Janete	34
Figura 6- fotografia no pátio - foto por Janete	35
Figura 7- lagarta fotografada mais distante- feita por aluno	36
Figura 8- lagarta fotografada com distancia menor- feita por aluno	36
Figura 9- distância maior- fotografia feita por aluno	36
Figura 10- câmera próxima- fotografia feita por aluno	36
Figura 11- câmera próxima- fotografia feita por aluno	36
Figura 12 - fotografias feitas por alunos	38
Figura 13 - fotografias feitas por alunos	38
Figura 14 - fotografias feitas por alunos	39
Figura 15 - fotografias feitas por alunos	39
Figura 16 - fotografias feitas por alunos	39
Figura 17 - fotografias feitas por alunos	40
Figura 18 - fotografias feitas por alunos	40
Figura 19 - fotografias feitas por alunos	40

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
1- O USO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO.....	11
1.1 Câmera Digital e Educação.....	12
1.2. O Ensino de Artes visuais na Educação Infantil.....	13
1.3 Fotografia e Educação Infantil.....	14
2- A INSTITUIÇÃO.....	20
2.1 O Enquadramento	22
2.2 A Luz e a Sombra.....	23
2.3 A Distância.....	24
3- O RESULTADO.....	27
3.1 Com a câmera na mão.....	30
3.2 Onde vamos fotografar, hoje?.....	35
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa pretende, através de uma investigação bibliográfica, uma reflexão sobre a utilização da imagem digital na educação infantil e também da prática da fotografia em sala de aula, oportunizar as crianças da minha turma atual, ou seja, do ano em curso, produtoras de fotografias a partir de conhecimentos destinados ao ensino de artes visuais.

O trabalho como professora da educação infantil começou em 2007 e atualmente estou á frente de uma turma de 16 crianças na faixa etária de 04 anos, na Creche Antonio Rodrigues Coelho, no bairro Nova Vila Bretas, em Governador Valadares, Minas Gerais.

A opção pela fotografia justifica-se pela minha especialização em Artes Visuais, onde tive contato com a disciplina sobre: Fotografias e tecnologias contemporâneas que me fez pesquisar e aprofundar um pouco sobre as mesmas uma vez que já a utilizava como instrumento de registro, em meu trabalho sem, contudo fazer uma reflexão crítica. Enquanto ferramenta poderosa que ajuda a criança a expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções rumo à experiência estética – forma singular de construção de conhecimentos em arte – poderá propiciar uma cognição alargada pela sensibilidade e tornar-se autores do processo.

Para tanto se faz necessário sensibilizar o olhar das crianças quanto ao aspecto da cultura visual presente no cotidiano, que leitura podemos fazer e enquanto ser como podemos atuar e tornar participante dessa cultura? Apostando no potencial de cada uma em criar imagens fotográficas e, sob o seu ângulo, perceber o seu mundo particular, tendo em vista que "em toda criança sempre existe um potencial passível de desenvolvimento sobre o qual a educação pode e deve atuar". BRASIL (1998).

O objetivo principal deste estudo é promover a participação espontânea das crianças em atividades envolvendo o uso da fotografia em seu ambiente escolar, onde, através da câmera fotográfica – enquanto experimentam, divertem e sentem prazer no que fazem, podem desenvolver as formas de olhar/perceber seu entorno. Ao mesmo tempo em que constroem o

conhecimento sensível aguçado pela cultura visual e (re) construindo internamente o sentimento enquanto autor.

A fotografia pode revelar dados significativos muitas vezes ocultos, imperceptíveis ao olhar, é ferramenta indispensável, repleta de significados de grande valor, diz Dubois (2007:25). E pode ir além, revela Sontag (2004:172), ao lembrar que algo fotografado torna-se “parte de um sistema de informação”. Pode assim adquirir pretensões artísticas ou simplesmente de registro, informação, álbum de família, mas, de qualquer forma, presente e necessária, dando sentido ao que se fotografa.

Utilizá-la com crianças envolve, além disso, atenção, compreensão, sensibilidade, estratégias adequadas, atenção, tempo, dedicação, paciência e principalmente, cuidado de não intervir nas ações, pois como revela Delgado (2005:353), considerar seu ponto de vista “exige certo abandono do olhar centrado no ponto de vista do adulto”. É importantíssimo, portanto, considerar e valorizar o que as crianças têm a nos dizer sobre sua própria escola e sobre a leitura que elas fazem a partir de suas relações de experiências.

A proposta, no entanto para o primeiro capítulo é um entendimento do que seja a fotografia, em especial para a compreensão social e cultural e espaço para as crianças tornar-se autoras de suas produções fotográficas dentro da perspectiva do conhecimento de seu próprio espaço de convivência, ou seja, a instituição.

O segundo capítulo relata sobre a instituição, seus espaços internos e externos, e a elaboração de aulas oficinas onde serão inseridos alguns conceitos básicos sobre fotografia, tais como: enquadramento, luz e sombra, distância. As atividades serão realizadas em uma turma com crianças na faixa de quatro e cinco anos da educação infantil assistidas na Creche Antônio Rodrigues Coelho, na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais.

O terceiro capítulo será o relato das atividades desenvolvidas, o resultado das oficinas de fotografia realizadas pelas crianças e a contextualização das suas produções acompanhadas de algumas fotografias.

1- O USO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

Vivemos em um tempo em que nada acontece fora do universo tecnológico e a cada momento nos vemos diante da interação homem-máquina. A criação artística abre inúmeras possibilidades para essa confluência de conhecimentos que aproxima ciência, tecnologia e fazer artístico (DOMINGUES, 1997).

Desde que o homem tomou consciência de si enquanto ser pensante, que reage diante de coisas e fatos, a capacidade de criar se estabeleceu no decurso de toda a história da humanidade, podemos assim dizer que a arte nasceu juntamente com o ser humano, tendo em vista os “registros” artísticos gravados em diversos locais e suportes utilizados pelo homem da pré-história.

No entanto, com a evolução em todos os seguimentos sociais, surge a necessidade da sistematização, especialmente na educação onde está intrinsecamente presente o fazer artístico. Por muito tempo este fazer se deu apenas como talento, como especialidade de alguns, de forma independente. Só a partir do século XIX é implantada como educação nas escolas como podemos ver: “A instauração da República, no final do século XIX, reflete também no ensino de desenho na educação popular, que no ideal dos liberais chegou a ser a disciplina mais importante nas escolas primárias e secundárias”. Isso está intimamente relacionado com a crença de Rui Barbosa de que “a educação artística seria uma das bases mais sólidas para a educação popular” (BARBOSA, 2005, p.45).

Por muito tempo perdurou o conceito de que Arte era algo para poucos, destinado à elite, relacionada aos eruditos, que a população em geral não tinha compreensão das consideradas “grandes obras”, que os artistas eram pessoas alienadas da realidade, que possuíam dons especiais, eram gênios.

Com a Revolução Industrial, houve uma mudança e grande transformação social. Em todas as esferas da sociedade as mudanças foram notórias, havendo inclusive mudanças comportamentais dos indivíduos, e é claro também na esfera cultural, educacional e artística.

1.1 Câmera Digital e Educação

Pensando neste universo tecnológico nos vem à mente uma infinidade de aparelhos tais como: televisão, computador, câmeras fotográficas, celulares, DVDs, filmadoras, projetor de imagens e outros.

É comum depararmos a todo instante com pessoas fazendo poses e usando a câmera digital ou mesmo o aparelho celular para registrar um momento ou evento.

Percebemos que na realidade da educação, o ensino de arte é pouco reconhecido, na maioria das práticas desenvolve-se atividades de cunho empirista. Nesse sentido, faz-se necessário situar as crianças da pré-escola no processo de alfabetização visual, dando uma nova roupagem às atividades desenvolvidas no eixo de artes visuais. Para conduzir este projeto serão utilizadas as fontes bibliográficas e consulta a autores como Ana Mae Barbosa, que afirma: “Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura de obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa...” (BARBOSA, 2008, p.34).

Fernando Hernández, fazendo referência à cultura visual, diz: “... as imagens são mediadoras de valores culturais e contém metáforas nascidas da necessidade social de construir significados... e a possibilidade de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual”. (HERNÁNDEZ, 2000, p.133). E quanto ao que deve ser observado sobre o ensino de artes visuais destaque ainda o Referencial teórico para a Educação Infantil, no volume três que diz: “... O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado, também na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação.” (BRASIL. 1998.p.89). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs.) que faz referência à expressão da subjetividade no fazer artístico:

As formas artísticas apresentam uma síntese subjetiva de significações construídas por meio de imagens poéticas (visuais, sonoras, corporais, ou de conjuntos de palavras, como no texto literário ou teatral). Não é um discurso linear sobre objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos. A forma artística é antes uma combinação de imagens que são objetos, fatos, questões, ideias e

sentimentos, ordenados não pelas leis da lógica objetiva, mas por uma lógica intrínseca ao domínio do imaginário. (BRASIL. 1997)

1.2 O Ensino de Artes visuais na Educação Infantil

Ensinar artes visuais na educação infantil significa muito mais do que a tradicional transmissão de linguagem, comunicação, sentimento e expressão. Significa a sua valorização como área de conhecimento, como transmissão de significados e como expressão pessoal.

No contexto do ensino de Artes visuais, o foco desse trabalho será o uso da fotografia no cotidiano da creche.

O termo fotografia vem das palavras gregas photos que quer dizer luz; e graphis que quer dizer estilo, pincel ou ainda, graphê que quer dizer desenhar com luz. Então, podemos concluir que fotografia é uma técnica de gravação por meios químicos, mecânicos ou digitais, de uma imagem numa camada de material sensível à exposição luminosa. Segundo o professor Enio Leite, da Focus – Escola de Fotografia & Tecnologia Digital, nos adianta que:

A Fotografia antes de tudo é uma linguagem. Um sistema de códigos verbais ou visuais, um instrumento visual de comunicação. E toda a linguagem nada mais é do que um suporte, um meio, uma base que sustenta aquilo que realmente deve ser dito: a mensagem. (LEITE, 2009).

É comum no dia a dia depararmos com pessoas portando uma máquina fotográfica ou um aparelho celular “clitando” registrando fatos, acontecimentos, eventos e atividades que estão sendo executadas ou mesmo fotografias postadas nos murais e paredes da instituição, que são “provas” eminentes do trabalho e atividades desenvolvidos pelas crianças e dirigidas pelos professores. A simplicidade desses trabalhos, muitas vezes desprovida de significados revela o envolvimento e o comprometimento dos seus executores.

No entanto, faz-se necessário destacar quantos olhares curiosos lançamos sobre as mesmas em busca de percebermos detalhes do que está sendo exposto ou mesmo se nos transmite alguma sensação ou sentimento de pertencimento.

Segundo Susan Sontag, a fotografia passou a ser um rito social capaz de legitimar eventos nos quais a presença do registro fotográfico os valoriza, tais como festas e casamentos. (SONTAG 1981, p.79).

Diante dessas constatações somos levados a entender e a conceber a fotografia como um importante recurso aliado à educação, no sentido de promover uma gama de conhecimento, bem como o fazer arte com todas as suas implicações tais como: área de conhecimento, o conhecer artístico e o próprio fazer, que enquanto faz cria, inventa, modifica.

1.3 Fotografia e Educação Infantil

No caso da Educação Infantil, a disciplina de Arte com o foco na fotografia deverá promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e perceptivo do aluno, ampliando suas habilidades e sua capacidade de lidar com vários eventos, sentimentos e expressões, onde o manuseio e a utilização de equipamentos e recursos tecnológicos trazem desafios e descobertas às crianças. Ao trabalhar com a fotografia, com a imagem, a criança exprime suas experiências, seus desejos e suas emoções, sua capacidade de externar aquilo que é parte do seu interior e que permite representar a forma como o mundo é visto, sentido e experimentado ou imaginado.

Conforme Pareyson (2001, p.25-26), a Arte “é produção e realização em sentido intensivo, eminente, absoluto, (...). A arte é, portanto, um fazer em que o aspecto realizativo é particularmente intensificado, unido a um aspecto inventivo”.

A fotografia no contexto de arte pode e deve se transformar neste objeto instigador, com capacidade de levar ao artista a uma criação ou mesmo a uma invenção enquanto a realiza.

A fotografia é um instrumento de representação que mais se aproxima do que denominamos realidade, pois o objeto retratado se aproxima muito do que vemos fisicamente. Ao mesmo tempo ela é muitas vezes carregada de finalidades, intenções e subjetividades, isto acontece quando a mesma sugere aos espectadores

uma denúncia de uma calamidade ou explora a apreciação de uma bela paisagem, retrata determinado personagem, dentre outros exemplos.

O surgimento da fotografia possibilitou o registro de uma imagem real. Conceito este questionado por alguns artistas, o da função do realismo, dessa forma a arte sofreu algumas mudanças, deixando de ser algo decorativo para ser vivenciada e pensada. A fotografia também possibilitou a libertação da arte da busca pelo realismo das imagens.

A fotografia como obra de arte, expõe o caráter subjetivo, também porque tem na sua essência a criação de metáforas, de conotações e analogias diversas, capaz de converter a objetividade em subjetividade, segundo Tavares “O visível não é necessariamente aquilo que nos é apresentado”. (TAVARES, 2009, p.125).

E ainda conforme Barbosa:

A produção de arte faz a criança inteligente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca (BARBOSA, 2007, p.34).

Barbosa fala sobre a importância do fazer, executar, aliado à leitura de imagens e à contextualização das mesmas.

Neste sentido a fotografia deve ser algo buscado, sensibilizado, que revele intencionalidade, percepção, intuição, criatividade e conhecimento teórico, mínimo que seja. É preciso que o autor se expresse, exponha sua sensibilidade, use a criatividade não apenas para capturar a imagem, mas construir uma ideia, transmitir uma mensagem, criar um canal de comunicação com o receptor. Apesar de possuir esta finalidade documental, isto não quer dizer que a fotografia seja desprovida do seu valor estético.

Boris Kossoy (1989) citando o grande fotógrafo Brassai (1968), assim define:

A fotografia tem um destino duplo... Ela é a filha do mundo do aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico ou científico sobre ele; mas ela é também filha do retângulo, um produto das belas-artes, o qual requer o preenchimento agradável ou harmonioso do espaço com sinais em

preto e branco ou em cores. Neste sentido, a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas e nunca será suscetível de escapar deste fato. (Kossoy, 1989, p.32).

Ao pensar na produção da fotografia com estas especificidades tais como: intencionalidade, conhecimento teórico e uso de tecnologias contemporâneas, faz-se necessário a apreensão ou assimilação de conhecimentos básicos para tornar o fazer em Arte.

Somente o uso de tecnologia, com o simples aproveitamento das facilidades que ele oferece, não garante o desenvolvimento de um pensamento artístico ou da construção de um saber em Arte. Conhecer o instrumento de trabalho e as possibilidades que ele oferece é essencial, mas ir além da mera aplicação dessas possibilidades é fundamental. (BARBOSA, 2008, p.117).

O uso dos recursos tecnológicos será um dos meios e não a finalidade para chegar a um fazer artístico aliado ao conhecimento de algumas técnicas, no caso da fotografia, deverá observar o tipo de câmera utilizada, a distancia do objeto fotografado, a iluminação ou a falta dela e outros aspectos dessa natureza.

Quanto à iluminação, alguns critérios devem ser observados a execução da captura de uma imagem fotográfica, tais como:

Para compreendermos a importância do posicionamento da fonte de luz na fotografia, podemos observar como varia a direção das sombras em uma cena ao longo do dia (entre a luz baixa da manhã, a luz zenital do meio do dia e novamente a luz baixa do final da tarde) e como este fato altera a nossa percepção do relevo e tridimensionalidade da cena. A intensidade da luz do sol também modifica a aparência das cores, que ficam mais tênues ou mais vivas, se ele estiver encoberto por nuvens ou com o céu limpo. (CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTE VISUAL, 2008, vol. 2, p.18).

E ainda sobre iluminação temos:

A iluminação é um dos fatores mais importantes. A luz tem três funções principais no processo fotográfico. A primeira é permitir ao fotógrafo ver o objeto, focalizar a imagem e gravá-la na superfície fotossensível; a segunda é transmitir informações sobre o objeto retratado, relativas à forma, cor, textura, profundidade etc., e a terceira é conferir um caráter próprio à imagem, sugerindo qualidades abstratas, como pureza, alegria, tristeza, honestidade etc. (CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTE VISUAL, 2008, vol. 2, p.26).

E ainda quanto ao que queremos focalizar, fica a critério do autor da foto o que de fato é importante registrar ou não, cabendo a ele o ajuste da imagem e o posicionamento da mesma.

O formato das imagens que enxergamos é diferente do das imagens produzidas pela câmara. Nossos olhos mapeiam as cenas com pequenos e velozes movimentos, construindo uma imagem em movimento, em um grande campo visual sem bordas ou fronteiras definidas. A câmara fotográfica, por sua vez, estabelece uma janela para a entrada da imagem a fim de capturá-la e torná-la estática. Essa janela delimita o que será visto. Dessa maneira, podemos dizer que toda foto é uma escolha, não só do que desejamos mostrar, mas também daquilo que desejamos excluir. ((CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTE VISUAL, 2008, vol. 2, p.21).

A proposta diante destas considerações é fazer convergir à prática da fotografia no âmbito da creche à produção de imagens significativas para as crianças.

Para a realização dessa expressão artística será utilizado o espaço físico da instituição que é muito amplo e carregado de possibilidades, tendo em visto que a mesma está localizada em meio a um amplo espaço, rodeado por campos gramados, pomares, jardins, corredores, parques e as salas de atividades.

O desafio torna-se grande, pois a fotografia como registro já é uma prática costumeira neste ambiente, no entanto tornar essa ação como proposta de aquisição de conhecimento para as crianças é trazer uma nova experiência com todas as implicações da mesma, ou seja, buscar no olhar, na percepção de mundo de cada um o que de melhor e mais intrínseco possuem.

A construção da capacidade de criação na infância é uma forma da criança manifestar a sua compreensão da realidade que o cerca, de exercitar sua inteligência ao criar, alterar, organizar e reorganizar elementos plásticos, é uma construção do ser humano. Na sua interação com o mundo, ela vivencia inúmeros contatos com experiências estéticas que envolvem ideias, valores e sentimentos, experiências estas que envolvem o sentir e também o pensar e o interpretar. Portanto a linguagem visual faz parte da formação integral do indivíduo e não pode ser desconsiderada no contexto da educação infantil (MORENO, 2007, p.44).

No processo de criação, a criança faz escolhas, envolvendo suas experiências pessoais, ou seja, ao criar, ela relaciona o que aprendeu, em sua interação com as pessoas, com a natureza e com o mundo. Neste processo, segundo Duarte Jr. (1985), o educando elabora os seus próprios sentidos em relação ao mundo. Luna e Bisca, ao comentar a utilização de atividades artísticas no âmbito escolar, ressaltam que: Valorizada como área de conhecimento, é também na arte que encontramos a liberdade para sentir e pensar criativamente nossa história, nossos laços afetivos e cognitivos, concretizando em formas e cores os sentimentos, as emoções e as conquistas (LUNA e BISCA, 2003, p.129).

Em síntese, de acordo com o RCNEI, a aprendizagem com base em atividades artísticas, na educação infantil, deve garantir oportunidades para que as crianças de 4 a 6 anos, contribuam para a ampliação do conhecimento por meio da oportunidade de contato com obras de arte, o que propicia o interesse pelas mesmas; conhecer-se a si mesmo por meio de produções próprias; desenvolver o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de criação própria e pelo de outras pessoas.

Na perspectiva de Piaget (1980), o conhecimento configura-se como uma construção contínua de mediação entre o sujeito e o objeto, ou seja, entre o meio físico e o social. Nessa ação, o indivíduo constrói novas estruturas mentais, estabelecendo condições e capacidades próprias de conhecer. Sendo assim, o indivíduo não aprende como se ele fosse um depósito de informações.

No processo de construção de conhecimento, o indivíduo é sujeito ativo, só vai aprender significativamente se houver uma interação com o objeto. Com base na teoria piagetiana, o indivíduo é sujeito do processo de construção do seu conhecimento e esse processo só é possível mediante a sua ação. É importante ressaltar que um trabalho artístico sempre carrega a marca do seu criador, ou seja, traz embutida, em si, a ação do sujeito que a criou, que é fruto de sua interação com o meio e com o próprio objeto criado. Nesse processo, o indivíduo é capaz de construir o entendimento de novos conceitos referentes a materiais e a técnicas utilizadas, o que se dá nas artes visuais, tal qual a fotografia. As Artes constituem atividades pelas quais o indivíduo é despertado para a criatividade, a qual se acentua com a prática.

2_ A INSTITUIÇÃO

A Creche Antonio Rodrigues Coelho, conhecida como “Creche CAIC”. Está localizada no bairro Nova Vila Bretas, na periferia de Governador Valadares e atende em especial à população dos bairros: Nova Vila Bretas, Palmeiras, Santo Antônio, Jardim Pérola dentre outros mais próximos.

Foi fundada no ano de 1996 e desde 2010 faz parte da educação de tempo integral do município, atendendo cerca de 240 crianças, divididas em dez turmas que compreende a faixa etária de 04 anos a 05 anos, no período de 7:00 às 17:00 horas.

A turma com a qual se desenvolve a pesquisa é mista na composição de gênero, também vale ressaltar que cerca de 50% das crianças estão regulares na frequência desde o início do corrente ano e os demais foram incorporados à medida que as desistências surgiram eram matriculadas e passavam a frequentar, isto é fator de retomada muitas vezes de um mesmo assunto.

As crianças são assistidas por duas professoras, uma no período da manhã e outra (no caso eu) à tarde após o repouso.

A creche conta com um espaço físico privilegiado sendo: dois campos gramados, um pomar com várias árvores frutíferas tais como: Limoeiro, goiabeira, acerola, bananeira, cajueiro, noni entre outros. Um extenso corredor de acesso à creche com plantas ornamentais nas laterais, um parque e um tanque de areia, um pátio interno que dá acesso a todas as salas de atividades.

No ambiente acolhedor e rico deste espaço físico, apesar de carente de alguns recursos, as crianças, sujeitos da história, têm desenvolvido e assimilado as propostas do dia a dia para a educação infantil.

E dentro desta proposta de trabalho e pesquisa no campo das artes visuais é que se desenvolverão as atividades que passo a descrever:

1ª aula: Com o objetivo de uma provocação inicial pretendo levar um CD-ROM contendo fotos de uma turma que trabalhei em ano anterior, para que as crianças assistam e façam observações espontâneas.

2ª aula: será feito uma exposição de fotografias em papel, da própria turma de atividades realizadas durante o primeiro semestre, para que haja possíveis

comparações, indagações, despertando assim o interesse de futuras atividades e oficinas que irão acontecer.

3ª aula: confecção de um “binóculo” feito com dois tubos de papelão paralelos e amarrados com um pedaço de barbante e fita adesiva, que depois de construído será utilizado na observação de detalhes escolhido pela criança.

4ª aula: será feita uma exploração no ambiente do pomar e a observação será feita com uma lupa de aumento para possibilitar o detalhamento de pequenos insetos, orifícios do solo, partes de folhas e plantas aguçando o olhar na direção de focos que muitas vezes são quase imperceptíveis à ação corriqueira do cotidiano.

Conforme artigo publicado por Ana Maria Mauad, *Tempo*, Rio de Janeiro:

Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem. Um indício, um fantasma, talvez uma ilusão que, em certo momento da história, deixou sua marca registrada, numa superfície sensível, da mesma forma que as marcas do sol no corpo bronzeado, como lembrou Dubois. Num determinado momento o sol existiu sobre aquela pele, num determinado momento certo aquilo existiu diante da objetiva fotográfica, diante do olhar do fotógrafo, e isto é impossível negar. (MAUAD, 1996.p.73-98).

A construção do conhecimento em arte deve ser contextual e inter-relacional, através de relações significativas no contato, na interação e na apreensão de manifestações artísticas.

A fotografia nos transporta para um contexto que apesar da nossa ausência na imagem somos inseridos através da imaginação e daquilo que já é por nós conhecido.

A leitura do discurso visual, que não se restringe aos aspectos formais, mas sim na significação que os elementos visuais, em diferentes contextos, conferem a imagem. Sobre esta proposta de leitura das imagens, Boris Kossoy (1989) ressalta:

No esforço de interpretação das imagens fixas, acompanhadas ou não de textos, a leitura das imagens se abre em leque para diferentes interpretações a partir daquilo que o receptor projeta de si, em função do seu repertório cultural, de situação socioeconômica, de

seus preconceitos, de sua ideologia, razão por que as imagens sempre permitirão uma leitura plural. (Kossoy, 1989.p.78).

Nessa fase as crianças são espontâneas e expressam com grande entusiasmo e euforia suas percepções, demonstrando conhecimento ou estranheza daquilo que lhes são apresentados. Há também uma necessidade de propor algo que lhes prendam a atenção uma vez que é de fácil distração, bastando apenas algo novo acontecer para que se envolvam em outra observação, como por exemplo: ao ouvir um barulho externo, ou um brinquedo que surge na mão de alguém do grupo para que o foco de atenção mude de direção.

Para chegar ao momento das oficinas de fotografias propriamente ditas, houve vários outros que antecederam com o intuito de sensibilizarem as crianças e a promover a assimilação de algumas “estratégias e técnicas” para fotografarem.

A proposta do “Binóculo” é focalizar e instigar a observação. Para tanto se faz necessário um passeio pelos arredores da creche á procura de objetos, coisas, lugares, flores, pequenos insetos, pássaros e tudo que surgir á frente, que focalize alguma parte específica e relate para todos que acompanham a atividade, o que está sendo observado, como numa espécie de fotografia falada.

Torna-se necessário ressaltar alguns aspectos básicos da fotografia, tais como: Explorar o enquadramento, luz e sombra, distância.

Todas essas atividades promoveram uma grande expectativa e um momento muito aguardado para a realização das fotografias. A todo instante alguém perguntava: *Eu vou segurar a “máquina” para tirar a foto? Eu já sei, minha mãe me deixa tirar. Todo mundo vai escolher o que quiser?Posso tirar da Bianca?(referindo-se á colega). Vou poder mostrar pra minha irmã?*

2.1 O Enquadramento

Em cada atividade proposta havia um conceito e um aspecto da fotografia a ser explorado e esses conceitos básicos foram mencionados apenas a título de uma melhor composição da imagem e não trabalhado de forma a exaurir todas as técnicas implícitas, como exemplo, para falar sobre enquadramento não foram

usados os termos técnicos como a regra dos terços, pois o mesmo poderia não fazer sentido para as crianças no momento, mas por outro lado foi usada a linguagem mais próxima como: o que você quer que observemos em primeiro lugar? Qual a parte mais importante que você quer mostrar ou destacar? O que está á volta dessa flor que você está olhando?

Para explorar de forma mais efetiva essa técnica do enquadramento, levei uma lupa (material este desconhecido da maioria da turma) e fizemos um passeio ao pomar, lugar este muito apreciado pelas crianças e que na maioria das vezes elas ficam colhendo e observando os pequenos insetos presentes nos troncos das árvores, nos buracos do solo e em meio às gramas. Com a lupa em mãos era possível observar detalhes do formato das lagartas, suas pseudas pernas, cor, pêlos do corpo, enfim uma infinidade de detalhes que foram possíveis serem ressaltados nesse exercício de observação e que com certeza deverá ser assimilado durante outros momentos.

A importância do enquadramento é a delimitação que fazemos, o recorte pelo qual pretendo que o outro enxergue, é de certa forma a minha vontade, o meu desejo sendo observado, sendo ressaltado.

2.2 A Luz e a Sombra

As características mais importantes da luz, no que se refere à produção de fotografias, são a sua intensidade, sua cor e sua direção. Elas definem os aspectos das imagens registradas, conferindo-lhes às mesmas possibilidades expressivas diversas, a serem exploradas pelo fotógrafo de acordo com cada situação. ((CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTE VISUAL, 2008, vol. 2, p.27).

Outro aspecto da fotografia a ser trabalhado foi à questão da Luz e Sombra. Segundo Carla Rose (1998) A luz torna os objetos visíveis, mas faz mais que isso.

Ela os define. Exibe as qualidades – suas texturas superficiais, sua transparência ou sua reflexividade. (Rose, 1998. p.102).

Explorar possibilidades de criação com luz e sombra é entrar em um universo de infinitudes de situações cotidianas. Iniciei uma exploração com as crianças sobre o que é a luz e onde a encontramos na natureza, em casa, na escola e nos objetos luminosos, a partir de atividades como:

- Realizar um percurso investigativo na escola, observando situações luminosas encontradas nos diferentes ambientes. Por exemplo: escuro absoluto e luminosidade baixa, média ou alta.
- Observar e conversar sobre como os nossos olhos e a abertura das nossas pupilas se comportam diante dessas diferentes luminosidades.
- Fazer uso criativo da luz, com o auxílio de lanternas, como iluminar partes do corpo e fazer projeções na parede e no teto, criando histórias a partir delas.
- Perceber as diferentes sensações provocadas pela cor da luz, usando lâmpadas coloridas ou lanternas coberto com papel celofane colorido. Por exemplo: a luz vermelha traz que sensação? E a azul?

Outra investigação sobre o que é a sombra e como ela só existe na presença da luz. Nesse sentido, algumas atividades realizadas:

- Lançar mão de uma lanterna para brincar e fazer sombras na parede, usando apenas as mãos, o corpo inteiro e objetos.
- Também usando a projeção de luz, fixar um papel branco de tamanho grande em uma parede. Enquanto uma criança projeta sua sombra no papel, outra contorna essa sombra com giz de cera.
- Projetar com lanternas e velas a sombra de diferentes objetos, de maneira que as sombras provoquem distorções conforme o ângulo em que os objetos são posicionados.

2.3 A Distância

Para inserir o contexto da percepção da aproximação ou distanciamento da imagem, com o objetivo de uma observação mais detalhada deste componente,

serão utilizadas algumas câmeras e um passeio pelo ambiente onde deverá ser explorado até mesmo o item de aumento da câmera, ou seja, o zoom.

Com as câmeras em mãos foi ressaltado e experimentado a aproximação e o afastamento da câmera em relação aos objetos, em um misto de brincadeira e curiosidade observando as alterações na composição da imagem bem como a descaracterização da forma, textura, cor, sombra e outros aspectos percebíveis do objeto a ser fotografado.

A possibilidade de fotografar a mesma coisa, o mesmo objeto de diferentes maneiras, torna-se geradora de discussões a respeito do que acontece com a imagem feita de diferentes formas.

A partir das hipóteses que as crianças vão levantando, é feita investigações analisando imagens feitas de longe, de meia-distância, de perto e de bem perto, e as crianças identificam os campos já trabalhados anteriormente. O mesmo foi feito com as noções de ângulos, encaminhando a discussão para que as crianças percebessem que o significado da imagem pode mudar de acordo com o modo como fazemos a foto.

As falas surgem espontaneamente diante da imagem: *minha mão ficou gorda porque a câmera estava perto. Você viu como eu fiquei alta? Não cabe todo mundo aqui, só se ficar de longe!*

Como o tema fotografia estava presente nas discussões o tempo todo, mais uma oficina de fotografia foi proposta, desta vez pedi a eles que pensasse um pouco sobre o que queriam fotografar e que então focalizasse exatamente o detalhe que queriam ressaltar, levando-os a refletir e escolher algo que tivesse como importante e pessoal nas suas produções. Na proposta de torná-los produtores de fotografias que os incluem no curso social e cultural com capacidade de expressar-se através desta atividade artística.

Segundo Kossoy, o fotógrafo escolhe, seleciona a imagem mediante a sua ótica visual, sua ideologia e sua inspiração:

A eleição de um aspecto determinado..., a organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a

própria atitude do fotógrafo diante da realidade: seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens... (KOSSOY, 1989, p.27)

Hoje com a melhoria do poder aquisitivo das pessoas em geral e o acesso a maior quantidade de bens de consumo, percebe-se desde muito cedo a predominância e o domínio dessas tecnologias em praticamente todos os segmentos da sociedade, oportunizando até mesmo as crianças menores o conhecimento e a habilidade de manuseio destes equipamentos em especial do celular e da câmera digital. O que torna mais fácil a execução do trabalho proposto.

3- O RESULTADO

Como introdução do projeto, foi exibida uma série de fotos que foram armazenadas em um CD-ROM, de uma turma que havia trabalhado em ano anterior e à medida que as fotos eram projetadas, as crianças começaram a comentarem sobre as mesmas: *“Olhe, elas estão pintando como nós!” Nossa, que tanto de crianças! De onde elas são? Porque elas estão vestidas assim? É terra de verdade? Quem tirou essas fotos? Igual àquela vez que nós apresentamos lá no pátio! Parece com a nossa turma! Tem umas crianças que não estão sentadas!* E muitas outras falas surgiram durante essa exibição.

A relação que as crianças faziam enquanto assistiam a exibição das fotos era dentro do contexto que elas reconheciam e ao mesmo tempo estabelecia como que uma forma de pertencimento do contexto, é como se vissem na própria situação representada.

Segundo Stuart Hall (2000, p.106), as identidades podem ser construídas a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal.

Na segunda oficina que consistia de uma exposição de fotos da própria turma em que as crianças realizavam diversas atividades como: fazendo bolhas de sabão no pátio, desenhando na sala de aula, montando peças de lego, fazendo pintura no azulejo da parede externa, jogando bola no campo, brincando no parque, construindo bolo de areia e outros. Por algum tempo o grupo ficou entretido nesta atividade apreciando, fazendo comentários e ressaltando algo visível a seus olhares, algo que faziam parte de um repertório de lembranças de algum momento marcante e dando explicações para cenas que julgavam estar acontecendo, mesmo quando não fazia parte da mesma, fazendo uma leitura subjetiva do que viam e outras com propriedade, pois lá estava para comprovar a sua participação.

Esse exercício de leitura das imagens promoveu envolvimento sentimental e aguçou nas crianças a participação nas falas compartilhando e expressando por meio de gestos algo que tinham vivenciado e que de alguma forma estava relacionado àquelas imagens. *Olhe! Este colega mudou e não vem mais para a creche! Outro dia eu pedi minha mãe e ela me deixou fazer bolinha de sabão lá na*

minha casa! O que eu mais gosto é da casinha do parque! Porque agente não vai de novo pegar acerola? Lá na minha casa tem um pneu que eu brinco de caminhão, igual esse aqui! Posso trazer a minha boneca no dia da brinquedoteca? Por que eu não apareci na festa da Yasmin? (nome fictício da colega). É porque você viajou, não lembra? E muitas outras observações surgiram, despertando sentimentos mais diversos nas crianças.

Outro momento bastante eufórico e que rendeu uma conversa foi na apresentação do material que iria ser usado na construção de um “binóculo”. E a pergunta mais instigante foi: O que vamos fazer com ele? Foi o momento de explorar o conhecimento prévio das crianças sobre o objeto bem como sua função, quem usa, serve para que. Neste momento de desenvolvimento da percepção, a construção do conhecimento deve contemplar a imaginação e a capacidade crítica na apreensão do aprendizado. A criança é levada a pensar, criar, fazer e desfazer o que ela já sabe, para aquisição de um novo aprendizado, para Barbosa (2002), isto acontece quando somos inseridos em novo contexto.

Desconstruir para construir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (Barbosa, 2002, P.18).

Cada criança tinha uma opinião a relatar, que as pessoas usavam para avistar coisas que ficavam longe, outras usam para enxergar melhor o que querem ver mais de perto, como: observar as cores e o formato dos passarinhos, dos macacos na floresta, nas escavações feitas nos túneis e outras. Aproveitei para explicar que o que nós faríamos era focalizar algum detalhe que chamasse a atenção, seguida de um relato do autor de tudo que estava sendo observado por ele para que os demais pudessem perceber e conferir o que estava sendo observado.

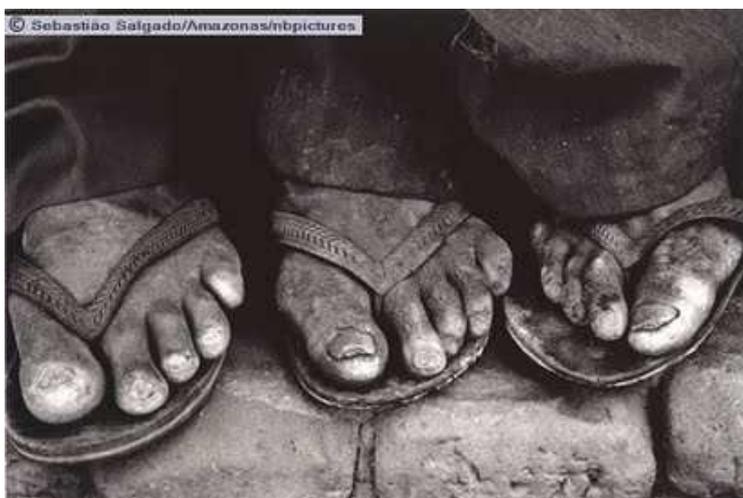
As crianças demonstram nessas oficinas um misto de curiosidade e inquietação e trazem bastantes informações enriquecendo o repertório verbal, conhecimento social e a aquisição de novos aprendizados.

Ao retornarmos à sala, apresentei algumas fotos colhidas da internet, do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado e que rendeu uma boa conversa,

principalmente sobre a escolha de suas fotos serem em preto e branco, alguns diziam: *se fosse colorida seria mais bonita, mas dá prá gente ver direitinho, até as unhas! Parece pé de peru! Não parece pé de galinha. Essas pessoas estão com os pés machucados! Não eles são trabalhadores nas pedras. Será que a iguana estava viva?* Outros e outros comentários, que foram aproveitados para serem explicados e entendidos dentro da proposta de enquadramento do objeto, como que a presença só dos pés e a falta do resto do corpo não comprometia a fotografia, aliás, é uma qualidade estética.



O fotógrafo Sebastião Salgado registra a pata de uma iguana nas ilhas Galápagos para o livro "Gênesis



Pés de trabalhadores

3.1 Com a câmera na mão

Enfim chegou o grande dia de realizarmos os tão aguardados “Cliques”, entreguei uma câmera digital, expliquei como funcionava o equipamento, apenas limitei em duas fotos por criança e deixei que explorassem sobre o que quisessem registrar. Nesse primeiro momento registraram os colegas, folhas, plantas, brinquedos, sem mesmo preocupar com os aspectos desenvolvidos e ressaltados anteriormente sobre fotografia. Apenas algumas serão registradas a título de conhecimento da atividade.

Foram realizadas três oficinas de fotografias pelas crianças, durante três quintas-feiras, consecutivamente, isto se deu devido ao cronograma de rotina de espaço da instituição, oportunizando a experimentação de todas, num total de 15 (quinze) crianças que se revezaram na frequência, nesses dias.

Durante todas as atividades faço anotações e registros pessoais de falas das crianças, impressões e indagações, gestos, curiosidades que vão surgindo e que são usadas nas conclusões.

Na primeira oficina, havia dez crianças presentes, cada uma queria ser a primeira a fotografar, por isso foi escolhido por sorteio e logo após os demais eram escolhidos pelo colega que estava com a câmera e os demais acompanhavam sugerindo opções de coisas a serem fotografadas, quase sempre não aceitas.

A vontade e ansiedade de fotografar, ou melhor, de “cliquear” no primeiro momento suplantou toda e qualquer regra, pois manusear, ter o poder sobre o objeto (câmera) era muito mais instigante, exibir que estava no seu controle parecia ser um sentimento inexplicável para cada criança e que agora ela iria de fato ser autora do processo.

Junto à euforia vem a angústia e a crítica ao perceber que aquilo que idealizou ou que gostaria que tivesse acontecido simplesmente não aconteceu. *Ah! Essa não ficou boa! Quero tirar outra para sair todos os botões. Você não viu? Cortou a cabeça! Só ficou um pedaço do braço! Eu precisava virar um pouco mais! Ficou branco por causa do sol! Outro dia minha mãe tirou minha foto e apareceu o clarão da luz, que tampou meu rosto!* Com comentários e observações percebe-se que apropriação do conhecimento começa a fazer parte de um novo olhar que incide sobre o fazer de cada criança.



Figura 1- fotografias feitas por alunos



Figura 2- fotografias feitas por alunos



Figura 3- fotografias feitas por alunos

Seguindo essa proposta de fotografar objetos e coisas, propus fotografar na brinquedoteca. E o objeto a ser fotografado foi uma boneca, que iríamos observar os vários aspectos da incidência da luz sobre o mesmo. Então no primeiro momento, com a porta e janelas fechadas, luzes desligadas, um ambiente com pouca luminosidade. Depois fotografamos com a brinquedoteca aberta e a luz ligada e após fotografamos do lado de fora da sala na presença do sol das 3 horas da tarde. Essas fotografias aconteceram consecutivamente e logo em seguida foi projetada na tela da televisão para fazer um comparativo



Figura 4- fotografia com pouca luz na brinquedoteca- foto por Janete



Figura 5- fotografia com luz acesa na brinquedoteca- foto por Janete



Figura 6- fotografia no pátio - foto por Janete

Na análise das comparações das fotografias com a variação da quantidade de luz, as crianças fizeram observações quanto às fotos com pouca luminosidade parecer ficar triste, ficar difícil de serem observados os detalhes do objeto, a cor ficar diminuída e misturada ao restante da cena, a forma fica distorcida e traz sensação de medo. Enquanto na presença de mais luz, as cores ficam nítidas dando uma sensação de mais alegria, a fotografia fica mais bonita, os contornos das imagens são mais definidos, percebe-se o contraste da luz e da sombra.

Percebe-se na fala de algumas crianças uma preferência pela presença da luz: *A foto ficou assim, fácil de ver porque estava claro! A luz transforma as coisas e deixa mais alegre! Quando está chovendo tudo parece mais triste, porque o sol não aparece! De noite também, a gente não consegue ver direito! Nos filmes de terror é assim, fica tudo escuro, às vezes chovendo...! Quando para de chover e o sol aparece, as cigarras cantam, as formigas saem da casa!*

Ressaltando o contexto de uma fotografia nítida ou confusa, foi abordado, experimentado a distância da câmera em relação ao objeto, quando há uma aproximação o objeto torna mais visível e pode-se observar detalhes que dão maior precisão daquilo que está sendo fotografado. O que pode ser conferido nas fotos abaixo.



Figura 7- lagarta fotografada mais distante- feita por aluno

Figura 8- lagarta fotografada com distancia menor- feita por aluno



Figura 9- distância maior- fotografia feita por aluno

Figura 10- câmera próxima- fotografia feita por aluno



Figura 11- câmera próxima- fotografia feita por aluno

3.2 Onde vamos fotografar, hoje?

As aulas mais aguardadas pelas crianças têm sido as oficinas de fotografias quando acontece um fazer pessoal, um envolvimento prático despertando um misto de curiosidade e expectativa quanto aos resultados de cada “clique”, todos querem compartilhar e explicar o que estava acontecendo nesse momento. Percebe-se quase que um transportar do sujeito/ autor para dentro da cena.

Durante a preparação para a atividade fotográfica, as crianças faziam especulações e planos do que iriam fotografar, percebe-se uma preocupação reinante: *Será que as fotos vão ficar bonitas? Não pode ser debaixo da árvore, pois tem sombra e vai ficar escura! Eu quero tirar foto de borboleta, porque eu gosto de borboleta azul! Pode ser de passarinho? Não, ele não deixa chegar perto! Acho que do jardim é melhor! Eu quero subir na casinha do parque pra ver lá de cima. A gente pode tirar foto de qualquer coisa!*

A escolha se dá a partir das possibilidades presentes e da apreensão de aprendizados que foram adquiridos, incorporados, compartilhados durante as manifestações anteriores, das lembranças guardadas na memória de cenas observadas.

O que surge então é uma grande quantidade de imagens extraídas da atuação, do pensamento, das ideologias, da aplicação de conhecimentos básicos adquiridos, da vontade ou falta dela, reveladas nas fotografias abaixo que com certeza abre um leque de indagações e da necessidade de contemplarmos cada uma na busca de uma melhor compreensão desses pequenos artistas e as relações estabelecidas com o contexto social e cultural.

As fotos a seguir é uma sugestão da aluna Rafaela (nome fictício) reportando as fotografias de Sebastião Salgado, onde aparecem partes do corpo. Segundo a aluna: *não precisamos tirar do corpo todo pra sabermos que são pessoas... são crianças!* Em todas elas há uma cooperação na composição das crianças e na elaboração das mesmas.

Para concluir o percurso do projeto sobre fotografia, após cerca de três (3) meses, catalogamos as fotos e mandamos para revelar em estúdio, com a chegada das mesmas no outro dia, organizei-as em um grande mural do lado de fora da sala e as crianças saíram para observarem e foi grande o entusiasmo de cada uma

apontando qual foi a sua fotografia, porque havia escolhido aquele lugar, aquele objeto, aquela situação, as lembranças do que havia acontecido durante o percurso. Muitas risadas, muita conversa muitos dedos apontando para esse ou aquele detalhe, algumas conclusões, algumas frustrações, enfim um misto de sentimentos que expressam o envolvimento de todos.

As informações contribuem para a valorização do repertório verbal e as explicações de que *“tirar foto é muito legal, pois as imagens nos faz lembrar daquilo que já passou e conta para as pessoas que não estavam lá”*. (Lucas – nome fictício de aluno) nos remete á sensação de pertencimento das crianças no contexto onde estão inseridas e nos permite olhar para esse contexto através dos seus olhares, das suas percepções.



Figura 12- fotografias feitas por alunos



Figura 13- fotografias feitas por alunos



Figura 14- fotografias feitas por alunos



Figura 15- fotografias feitas por alunos



Figura 16- fotografias feitas por alunos



Figura 17- fotografias feitas por alunos



Figura 18- fotografias feitas por alunos



Figura 19- fotografias feitas por alunos

CONCLUSÃO

Nesse processo de ensino-aprendizagem, quem mais aprende? O que ensina ou pensa fazê-lo, ou o ensinado? Ou seja, seria o professor propulsor da ação ou o aluno agente ativo do processo? Nessa relação, tanto o professor quanto o aluno são sujeitos que estão experimentando, manuseando, investigando e, portanto, aprendendo. Por essa razão, penso haver uma reciprocidade, uma cumplicidade que nos faz chegar a caminhos que desconhecíamos ou mesmo nem imaginávamos.

A cada proposta um misto de euforia e medo, de entusiasmo e desconforto, pois o novo nos desestabiliza nos faz pensar, repensar, tira do caminho e nos traz de volta. E essas sensações estão presentes nas crianças, bem como muito mais na professora enquanto propulsora desses desafios. O que, porém, nos tranquiliza é a certeza que somos apenas instrumento ou agente de provocação, mas o que irá acontecer é parte de um processo interno em cada ser e que provavelmente alcançará resultados inimagináveis.

A partir do que propõe o ensino de Arte nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou seja, contemplar a produção do aluno, a leitura desta produção e de outras imagens e a contextualização dos trabalhos, compreendendo as três formas de conhecer Arte, denominadas de: Produção – Fruição – Reflexão.

Talvez para a criança menor, a produção seja um grande desafio, contudo percebo certo desconforto no momento da reflexão sobre o que foi produzido. A inquietude e o tempo menor de concentração, próprio desta idade, não permite aprofundar muito a reflexão sobre o que foi produzido e quando acontece, esta fica muito na base do comparativo, relato de outras imagens vistas anteriormente ou restrito ao campo do que achamos.

Retomando à Ana Mae Barbosa, afirma: “temos que alfabetizar para a leitura da imagem”, isto é, preparar a criança para decodificar a gramática da imagem, capacitá-la a julgar critérios de qualidade artísticos e estéticos das imagens, atribuir valores, sentimentos, possibilitar uma reflexão significativa embasada nas informações e conhecimentos adquiridos contextualizando-os, quer estas sejam fixas como a fotografia ou das imagens em movimento como o cinema e televisão.

As crianças ainda que pequenas, especialmente às que frequentam creches e escolas tem adquirido maior poder de argumentação e tem expressado com muita ênfase suas preferências, mostram com isso maior capacidade de julgar sobre aspectos relacionados ao feio ao bonito, ao que está na moda ou fora dela, ao que gostam ou não, são capazes de fazerem análises ou questionarem sobre o porquê das coisas. Quando lhes é oferecido à instigação, o desafio de conhecer apropriada desta condição fazendo-se sujeito.

Estamos expostos todos os dias a uma enorme quantidade de imagens. Deparamos com estas nos muros de nossa rua, dentro de nossas casas, na escola, na mídia, em diversos lugares e situações e em contraste a essa realidade não nos dispomos de tempo e nem conhecimento suficiente para digerirmos, refletirmos, pensarmos sobre cada uma delas, contudo na escola faz-se necessário o acesso a estas particularidades no que se refere à Arte.

Quanto ao conhecimento, ao aprendizado, à mudança do olhar, da observação que este trabalho proporcionou em cada criança e mesmo em mim, não sou capaz de mensurá-los, contudo a experiência nos levou a participar e a atuar como agentes de construção e reconstrução de imagens, inseridos em um contexto social que também é nosso.

Possibilitar essas experiências, sobretudo é permitir que as crianças expressassem sua relação com o mundo através de curiosas imagens, que aparentemente podem não significar muito estética ou artisticamente, mas que para cada autor corresponde a um fazer, um expressar-se muito íntimo.

Ao escolher e registrar cada cena, cada situação, cada detalhe observado, cada enquadramento, cada posição do objeto em relação à luz, cada cor, cada textura, cada formato, com certeza essas crianças estavam evocando esforços internos na tentativa de externar e comunicar o significado de cada imagem captada.

Sabemos que as imagens são mediadoras ou refletoras muitas vezes da cultura, das ideologias de uma sociedade. Basta olharmos para as fotografias antigas de nossos antepassados para vermos posturas sérias do homem (o chefe da família), a mulher ao lado numa atitude submissa, os filhos geralmente em ordem de nascimento, demonstrando a imagem de uma sociedade hierárquica e patriarcal.

Hoje a sociedade moderna tem uma nova imagem, onde demonstram seus valores, pensamentos, conceitos, ideias que fazem parte de um complexo universo que constitui a nossa era.

Se olharmos atentamente cada imagem poderemos extrair delas inúmeras leituras, pois as mesmas estão carregadas de múltiplas informações que nos cercam e que revela o nosso interior ou aquilo que tem significado para nós. Isto é estabelecemos relações entre nossas experiências e o que estamos observando.

Para cada imagem uma explicação pertinente de seu autor e uma ansiedade para ser contemplada por um adulto como uma espécie de pedido de atenção: olhe, estou aqui! Perceba como eu vejo as coisas, eu também sou capaz de expressar.

Mais do que o resultado, a conclusão deste projeto proporcionou a mim um grande desafio: utilizar a fotografia não apenas como registro de atividades trabalhadas mais transformá-la na própria atividade uma vez que não fazia uso da fotografia com esse objetivo. Esse é um novo desafio para ser disseminado na própria instituição, é comum apreciarmos os trabalhos desenvolvidos através das fotografias, contudo não é prática docente colocar nas mãos das crianças um equipamento fotográfico e oportunizar o manuseio e a utilização do mesmo por elas.

Pensar e explorar a fotografia como atividade no contexto da educação infantil com o objetivo de aguçar o olhar e inserir as crianças no contexto social foi pensar a fotografia como um fleche de luz que abre uma nova perspectiva uma nova imagem que surge no meu contexto profissional.

Referências

ALVES, Nilda. Imagens das escolas. In: ALVES, N. & SGARBI, P. (orgs). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BARBOSA, A. M. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: ANA MAE BARBOSA (org.). *Arte/Educação contemporânea: consonâncias Internacionais*. Org.. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, A. M. (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, A. M. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. São Paulo: Cortez, 1996.

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais / Lucia Gouvêa Pimentel (Org.). – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008- --- v: il.; 27 cm. 1. Artes visuais – Estudo e ensino 2. Artes visuais – Pesquisa- Metodologia 3. Crítica de arte I. Pimentel, Lucia Gouvêa, 1947.

DOMINGUES, Diana (org.). *Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

<http://www.fotografia-dg.com/canon-40-milhoes-camaras-eos/comment-page-1/#comment-1085> acesso em 07/07/2013

<http://social.stoa.usp.br/escolafocus/blog/compreendendo-a-fotografia-49771> acesso em 14/11/2013

MONTEIRO, Solange C.F. Aprendendo a ver: as escolas da/na escola. In: ALVES, N. & SGARBI, P. (horas). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORENO, G.L. Comunicação Significativa entre a criança e a Arte. *Revista do Professor*. Abril/Junho, 2007, ano XXIII, N.90 ISSN 1518-1839.

Mauad, Ana Maria, *Tempo*, Rio de Janeiro: vol.1, nº2, 1996.

SONTAG, Susan, *Sobre Fotografia*. Editora Companhia das letras, 2007.